

## BLITZKRIEG BOLSONARISTA: UM CONTO DE FA(R)DA

SHIRLEN DO NASCIMENTO VIANA (UFAM)<sup>1</sup>  
LEONARD CHRISTY SOUZA COSTA (UFAM)<sup>2</sup>

**RESUMO:** Este artigo corresponde a uma parte de minha dissertação de mestrado, intitulada *Blitzkrieg bolsonarista: uma análise foucaultiana da necropolítica no Brasil*. Nesse sentido, este texto, a partir da ótica foucaultiana, se debruça sobre uma reflexão acerca da influência militar nos discursos e na atuação política do ex-capitão e atual presidente do Brasil, Jair Messias Bolsonaro.<sup>3</sup> A sua retórica converge com a grandes ditadores militares e fascistas que marcaram a humanidade com suas práticas de autoritarismo e de apologia à tortura e à morte. O corpus de análise foi constituído de artigos jornalísticos que evidenciam esses discursos e práticas durante sua trajetória como Chefe do Executivo. A delimitação do título conto de fa(r)da foi elaborada de forma provocativa e investiga a professada e exaltada influência militar exercida na sua conduta enquanto presidente do Brasil, a qual aciona uma postura militar de autoritarismo, de evocações e de explícitas incursões contra a democracia e contra o Estado de direito. Nestes termos, este trabalho pretende apresentar como os elementos característicos do militarismo estão intrinsecamente ligados à postura e gestão do presidente Jair Messias Bolsonaro.

**PALAVRAS-CHAVE:** Militarismo político. Autoritarismo. Jair Bolsonaro.

**ABSTRACT:** *This article corresponds to a part of my master's dissertation in progress entitled Blitzkrieg bolsonarista: a Foucauldian analysis of necropolitics in Brazil. In this sense, from the Foucauldian perspective, this text focuses on a reflection on the military influence in the speeches and political actions of the former captain and current president of Brazil, Jair Messias Bolsonaro. His rhetoric converges with the great military and fascist dictators who marked humanity with their practices of authoritarianism and apology for torture and death. The corpus of analysis consisted of journalistic articles that evidence these discourses and practices during his career as Chief Executive. The delimitation of the title conto de fa(r)da was elaborated in a provocative way and investigates the professed and exalted military influence exerted in his conduct as president of Brazil, in which he triggers a military posture of authoritarianism, evocations and explicit incursions against the democracy and the rule of law. In these terms, this work intends to present how the characteristic elements of militarism are intrinsically linked to the posture and management of President Jair Messias Bolsonaro.*

**KEYWORDS:** *Political militarism. Authoritarianism. Jair Bolsonaro.*

### INTRODUÇÃO

A trajetória militar e a ascensão política de Jair Bolsonaro foram assinaladas por grandes polêmicas e conflitos. Sua história de vida pública está pautada em discursos autoritários, em que se faz presente a apologia à ditadura e ao estado de exceção, bem como em discursos de ódio contra minorias e em atuações que negligenciam e contribuem para as tragédias que assolam o povo brasileiro, principalmente no período pandêmico.

<sup>1</sup> Mestra em Letras pela Universidade Federal do Amazonas. E-mail: [shirlen.viana@gmail.com](mailto:shirlen.viana@gmail.com).

<sup>2</sup> Doutor em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina. Professor da Universidade Federal do Amazonas. E-mail: [leonardchristy@ufam.edu.br](mailto:leonardchristy@ufam.edu.br).

<sup>3</sup> N. do. E.: Este artigo foi submetido antes do segundo turno das eleições de 2022. Mantivemos as designações (como atual presidente, por exemplo) do modo como foi feita a submissão.

Jair Messias Bolsonaro foi eleito em 2018, ao fim do mandato do ex-presidente Michel Temer, que assumiu a Presidência após o *impeachment* de Dilma Rousseff. A concretização da vitória de Bolsonaro se deu graças à força política coesa articulada pela direita, que explorou os escândalos de corrupção em que a esquerda estava envolvida e fomentou uma série de *fake news* – elementos que foram determinantes para a adesão popular às promessas “anticorrupção” e aos slogans pró-conservadorismo levantados por Bolsonaro. Dessa forma, a candidatura de Bolsonaro se apresentou como a solução e a mudança necessária a uma direção pró-conservadora, que colocaria o país no eixo do progresso e do desenvolvimento. Eis um reflexo da política ultradireitista que vem se consolidando na Europa e na América do Norte.

O ano de 2016 foi marcado por uma grande efervescência no âmbito político e social. Mediante a isso, o termo “*post-truth*” (pós-verdade) foi incorporado ao Dicionário Oxford, definindo bem essa conjuntura que se estabeleceu desde então. A palavra pós-verdade exprime a ideia de que o objetivo e o racional são suprimidos pelo emocional, ou seja, as crenças são sustentadas, mesmo que a realidade e os fatos provem o contrário. No Brasil, instaurou-se um embate minaz entre os partidos de direita e esquerda, resultando em movimentos antagônicos que se confrontam nas ruas e nas redes sociais, e que contribuíram decisivamente para o *impeachment* da ex-presidente Dilma Rousseff. A polarização bipartidária ganhou novas dimensões após sua saída, e a direita teve, assim, a oportunidade de restituir a sua gestão.

Jair Bolsonaro vem robustecendo, ao longo de sua trajetória na presidência, a extrema direita no país e tem colocado as instituições na mira do movimento bolsonarista. Em seus discursos, a estratégia é atribuir à plataforma governista anterior todas as mazelas que o país atravessa ao longo de sua história. Dessa forma, a responsabilidade por toda a crise que o país enfrenta é sempre conferida ao governo anterior, e o governo Bolsonaro é isentado de qualquer culpabilidade ou responsabilidade pela crise que assola o país. A adesão a esses discursos tem crescido e se fortalecido com a veiculação de *fake news*, de discursos negacionistas, de discursos de ódio e com a incitação à violência contra representantes governistas da ala adversária e contra autoridades estabelecidas.

O seu percurso como presidente do Brasil tem suscitado debates e embates nas mais diversas esferas da sociedade, principalmente nas redes sociais, que se constituíram como o reduto da máquina discursiva bolsonarista. O bolsonarismo – entendido aqui como um movimento social e ideológico que engaja, divulga e reproduz os discursos de Bolsonaro, de sua família e de seus aliados – tem tomado grande proporção na sociedade brasileira, e o reflexo disso se dá literalmente na adesão aos discursos contra as minorias, no posicionamento contra a vacinação, na quebra dos protocolos de segurança (como o uso de máscara e distanciamento social) e na anuência a discursos pró-hidroxicloroquina, embora vários estudos científicos comprovem a sua ineficácia.

O ano de 2020 ficou marcado na história como o início da pandemia de Coronavírus. No exterior, desde o começo, os países demonstraram grande preocupação e instituíram políticas assertivas de combate e contenção ao vírus, em um esforço coletivo de minimização da crise de saúde pública que devastou muitos países. Contudo, isso não aconteceu aqui no Brasil. Em novembro de 2021, em nível global, as estimativas davam conta que mais de 246,7 milhões de pessoas haviam sido infectadas com o vírus, e o número de mortos por Covid-19 já ultrapassava os 5 milhões. No Brasil, o ano de 2021 fechou com mais de 22 milhões de casos e com o índice alarmante de 619.056 mortes pelo vírus da Covid-19.

Todavia, a tônica deste trabalho não se debruça especificamente sobre a atuação do governo do presidente Bolsonaro diante da pandemia, mas insiste em promover uma reflexão

sobre a vida política do presidente. Vida essa que está intrinsecamente ligada à sua vida militar, e a ressonância dessa simbiose reflete-se diretamente na sua gestão, enquanto estrategema.

## **PRESIDENTE-CAPITÃO BOLSONARO: A GESTÃO POLÍTICO-MILITAR DE UM EUGENISTA**

Jair Messias Bolsonaro, 66 anos, é capitão reformado do Exército e, segundo ele, essa patente militar lhe é motivo de muito orgulho. Aos 63 anos, Bolsonaro venceu as eleições depois de um percurso sem grande ênfase de mais de trinta anos na vida política, ocupando cargos de vereador e de deputado federal pelo Rio de Janeiro. Embora sua carreira política já some mais de trinta anos, fica explícito em seus discursos a sua postura mais militar do que política.

Sua trajetória militar se resume basicamente à conclusão do curso de oficial da Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN-RJ) em 1977 e à realização do curso de paraquedismo militar, na Brigada Paraquedista do Rio de Janeiro. Em 1983, Jair Bolsonaro formou-se em Educação Física pela Escola de Educação Física do Exército. Já em 1986, ele ganhou visibilidade nacional quando, ao servir ao 8º Grupo de Artilharia de Campanha como capitão no Rio de Janeiro, publicou na revista *Veja*, na seção Ponto de Vista, o artigo *O salário está baixo*, no qual argumentou que o fato de dezenas de cadetes da AMAN se desligarem devia-se aos baixos salários pagos à categoria, e não aos desvios de conduta, como a cúpula do Exército tentava justificar. A publicação do artigo foi considerada pelos seus superiores uma grave infração ao regulamento disciplinar, o que lhe rendeu uma prisão por 15 dias.

Posteriormente, foi acusado de planejar a operação ‘Beco Sem Saída’, que visava detonar bombas de baixa potência em unidades militares estratégicas da Vila Militar da AMAN, caso não fosse concedido um reajuste de, no mínimo, 60% às forças armadas. A ideia era dar um ultimato ao então ministro do Exército, o general Leônidas Pires Gonçalves. Entretanto, Bolsonaro, ao ser convocado para explicar os rumores da operação, negou veementemente sua participação. Ainda que houvesse testemunhas e provas documentais, como um croqui desenhado por ele que explicava como detonar uma carga de dinamite, Bolsonaro foi submetido a julgamento pelo Supremo Tribunal Militar e inocentado por falta de provas contundentes. Mesmo assim, decidiu se desligar do Exército, já de posse da patente de capitão que lhe fora concedida.

Aproveitando a repercussão das polêmicas envolvendo seu nome – o que lhe conferiu uma grande projeção entre os militares –, em 1988, ele se candidatou a vereador do Rio de Janeiro pelo Partido Democrata Cristão (PDC) e foi eleito. No entanto, não cumpriu seu mandato, haja vista ter sido eleito deputado federal pela mesma legenda, aproveitando os votos de suas bases eleitorais na Vila Militar. Na sua trajetória política, Jair Messias Bolsonaro assumiu oito mandatos como deputado federal e colecionou grandes polêmicas ao longo de sua carreira política, mas aprovou poucos projetos.

Embora a existência de muitas polêmicas tenha contribuído para sua ascensão à carreira política, Bolsonaro não conseguiu se sobressair na função parlamentar. Desde o início do seu trajeto como deputado federal, ele apresentou aproximadamente 171 projetos sem grande ênfase, os quais consistiam em projetos de lei, projetos de lei complementar, decretos legislativos e propostas de emenda à Constituição (PECs). Porém, somente duas propostas foram aprovadas: uma que ampliava o benefício de isenção do Imposto sobre Produto Industrializado (IPI) para produtos da área de informática, e outra que autorizava o uso da “pílula do câncer” – a fosfoetanolamina sintética.<sup>4</sup>

---

<sup>4</sup> Fonte: Sputnik News: *Bolsonaro só aprovou 3 propostas em 26 anos. E uma delas custará R\$ 2,5 bi ao país.* Disponível em:

<https://br.sputniknews.com/20170723/propostas-aprovadas-bolsonaro-congresso-8935795.html>.

Formalmente, o Chefe do Executivo já passou por oito partidos desde a sua eleição como vereador. Sua trajetória se iniciou pelo Partido Democrata Cristão (PDC), em 1988, e, desde meados de 2021, ele integra o Partido Liberal (PL), ao qual se filiou de modo a viabilizar a candidatura à reeleição em 2022.

A retórica bolsonarista apresenta elementos relevantes para a análise, como as premissas da concepção eugênica. Seus discursos se voltam contra as camadas mais pobres e contra grupos minoritários. Seus pronunciamentos estão recheados de preconceito e de discriminação, ao mesmo tempo em que enaltecem as camadas que constituem a elite brasileira. Explicitamente, o mandatário se posiciona como um político propenso aos feitos dos grandes generais ditadores, homenageando-os como heróis, e celebrando suas barbáries como grandes realizações.

Por volta de 1883, o cientista Francis Galton criou o termo eugenia, que basicamente significa ser “bem nascido”. Ele era primo de Charles Darwin e introduziu no século XIX essa concepção, a partir da ideia de que era necessário melhorar a qualidade genética da população, e, portanto, urgia constituir uma sociedade que seria superior não apenas biologicamente, mas social e economicamente. A eugenia é, assim, “o estudo dos agentes sob o controle social que podem melhorar ou empobrecer as qualidades raciais das futuras gerações seja física ou mentalmente” (GOLDIM, 1998).

Hitler e Mussolini foram professos defensores da concepção eugenista. Em países como os EUA e Brasil, os ecos dessa concepção são bem presentes. Nesse discurso, adere-se à noção de que a raça ariana/nórdica é uma raça “pura” e que, por ser considerada mais forte e adaptável ao ambiente, prevalece. Essa concepção regeu os séculos XIX e XX, ganhou espaço na ciência e em diversas áreas da sociedade, como a sociocultural e a política. Desse modo, prevalecia a discriminação e a ideia de que certa classe de pessoas não era digna de transmitir sua hereditariedade.

[...] em diversos regimes sócio, político, culturais, muitas pessoas consideradas “não dignas” de transmitir suas hereditariedades a seus descendentes foram submetidas à esterilização, lobotomia e/ou à morte – casos de pessoas com alguma má formação, doentes, negros, homossexuais, judeus etc. (PAULA; LOPES, 2020, p. 37)

Galton (1865), em sua obra *Hereditary Talent and Character*, descreve os objetivos de seus estudos sobre a eugenia: “(...) as forças cegas da seleção natural, como agente propulsor do progresso, devem ser substituídas por uma seleção consciente (...) a fim de promover o progresso físico e moral no futuro” (GALTON, 1865, p. 157 apud PAULA; LOPES, 2020, p. 38). Essas premissas se tornaram objeto científico em muitos países por um longo tempo. No caso do Brasil, essa concepção chegou ao país por volta de 1918 e focou na exclusão de imigrantes nordestinos para o sudeste e na exclusão de imigrantes não-brancos para todo o país, o que se consolidou desde então e ressoa na postura explicitamente xenófoba e discriminatória por parte do atual presidente do país.

Em 1929, no Rio de Janeiro, ocorreu o 1º Congresso de Eugenismo. Com o tema “O problema eugênico da migração”, a pauta principal do congresso girava em torno da proposta de exclusão das imigrações de pessoas não-brancas. Segundo Pinheiro (2019), em 1931, foi criada a Comissão Central de Eugenismo, com os seguintes objetivos: manter os estudos relacionados às questões eugênicas; divulgar o ideal de instituir na sociedade a regeneração física, psíquica e moral; e valorizar e fomentar as iniciativas científicas referentes à eugenia.

A esterilização surgiu como uma solução prática e aguçou o interesse dos eugenistas de todo o mundo. De acordo com Stepan (2005, p. 37), “A introdução da ideia da esterilização compulsória dos inadequados, foi, de longe, claro, a mais dramática alteração nas normas tradicionais que regulavam a família ocidental e os direitos individuais à reprodução”. Em relação a isso, os EUA deram ênfase às leis de esterilização, chegando a aprovar leis de esterilização involuntária. Na década de 20, a concepção eugenista já estava atrelada ao patriotismo e, na América Latina, já se esboçava a adesão a essa concepção. Dessa forma, no cerne do pensamento elitista brasileiro, figurava a ideia de que era mais necessário cuidar da esterilização de criminosos e controlar a natalidade do que realizar investimentos em educação e saúde públicas (STEPAN, 2005, p. 46).

Observa-se que essa concepção eugênica se faz presente e flagrante nos discursos de Bolsonaro antes mesmo deste se tornar presidente. A família Bolsonaro tem um histórico de adesão e incentivo às ideias eugênicas na sociedade brasileira, o que resultou em um governo que adotou políticas nacionais excludentes, pautadas em práticas autoritárias e discriminatórias.

Incentivados por incautos, os Bolsonaros começaram a admirar e a seguir a teoria da “eugenia” americana e nazista por ser definida como a ciência que trata daquelas agências que influenciam, mental e fisicamente, as qualidades raciais das futuras gerações. (PINHEIRO, 2019, p. 2)

Alinhado a essa concepção, Carlos Bolsonaro defende que o Programa Bolsa-Família seja condicionado a procedimentos de esterilização, como laqueadura e vasectomia, pois essa seria a única maneira de estancar a ferida econômica, além de combater a miséria e a violência no país (PAULA; LOPES, 2020, p. 38). Nesse segmento, Carlos Bolsonaro aponta que o caminho para diminuir a violência e a miséria implicaria diretamente na diminuição de pessoas não-brancas, haja vista o Bolsa-Família ser voltado às comunidades mais carentes que vivem nas periferias e, portanto, atender a um maior número de pessoas não-brancas.

Mantendo a linearidade discursiva, o Chefe do Executivo já discursou várias vezes em prol de um programa rigoroso de controle de natalidade entre as comunidades de classe baixa:

Bolsonaro proferiu diversos discursos em defesa de um programa institucional de controle de natalidade, com foco nos menos privilegiados. De acordo com esse pensamento, o Presidente acredita conseguir reduzir e até mesmo erradicar a criminalidade e a miséria. (PAULA; LOPES, 2020, p. 38)

Na década de 1990, em uma entrevista, o então deputado Bolsonaro disparou: “Devemos adotar uma rígida política de controle da natalidade. Não podemos mais fazer discursos demagógicos, apenas cobrando recursos e meios do governo para atender a esses miseráveis que proliferam cada vez mais por toda esta nação”. Em outra oportunidade, ele endossou: “Não adianta nem falar em educação porque a maioria do povo não está preparada para receber educação e não vai se educar. Só o controle da natalidade pode nos salvar do caos.”<sup>5</sup>

A atuação pró-eugenia do governo fica ainda mais evidente diante da negligência com a população indígena durante a pandemia. Em julho de 2020, o presidente Bolsonaro vetou trechos de uma nova lei que previa medidas de proteção às comunidades indígenas, como a

<sup>5</sup> Fonte: Folha de S. Paulo: *Bolsonaro defendeu esterilização de pobres para combater miséria e crime*. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/06/bolsonaro-defendeu-esterilizacao-de-pobres-para-combater-miseria-e-crime.shtml>.

obrigatoriedade em garantir o acesso à água potável e a itens de higiene, e a oferta emergencial de leitos hospitalares e de leitos de UTI. O veto também relegava os planos de contingência voltados especificamente aos povos isolados ou de recente contato com a sociedade.<sup>6</sup>

Segundo o levantamento do Instituto de Estudos Socioeconômicos (Inesc), embora houvesse um contexto pandêmico, o total gasto pelo governo na saúde indígena no primeiro semestre de 2020 foi menor que a despesa registrada na primeira metade de 2019. Os dados foram retirados do Siga Brasil, portal do Senado Federal que permite monitorar os gastos do governo. O fator preponderante para a precariedade da saúde dos povos indígenas foi a saída dos profissionais cubanos do programa Mais Médicos, logo após a posse do presidente Bolsonaro. Essa foi uma de suas primeiras medidas ao ser empossado.

Cerca de 90% dos profissionais que atendiam os povos indígenas eram cubanos. Portanto, após a medida, a mortalidade entre os bebês indígenas teve um aumento relevante. Como consequência, vários movimentos se levantaram em defesa dos povos indígenas. Diante disso, o Supremo Tribunal Federal (STF) cobrou ações efetivas do governo, obrigando-o a tomar as medidas cabíveis. A ação apresentada pela Articulação dos Povos Indígenas do Brasil (Apib), juntamente com o apoio dos partidos de oposição, resultou na determinação de que o governo criasse uma Sala de Situação para a gestão de ações de combate à pandemia nos povos indígenas, em caráter de urgência, a qual seria presidida pelo ministro do STF Luís Roberto Barroso.

A comunidade ribeirinha também foi muito afetada tanto pela saída dos médicos cubanos quanto pela própria pandemia. Dessa forma, observamos que há uma distinção clara entre a população brasileira por parte do governo. Enquanto há uma preocupação com as classes empresariais e pertencentes ao agronegócio, a população das classes mais baixas é relegada e excluída, sem que haja políticas efetivas de combate à pobreza e à pandemia.

Ainda assim, esses discursos e atuação política encontraram lugar e voz na sociedade brasileira, e o movimento bolsonarista – aqui entendido como um movimento social, político e ideológico, que abrange não apenas os discursos e práticas de Bolsonaro, mas de sua família, de seus aliados e eleitores – passou a acolher e a reproduzir essa postura discriminatória de ataque às instituições e às autoridades, de disseminação de *fake news*, de quebra dos protocolos de segurança e de investidas contra as minorias.

## ULTRADIREITA, VOLVER!

Após a América do Sul ter experimentado a “onda rosa” ou “maré rosa” – fenômeno político de ascensão de lideranças de esquerda nos governos sul-americanos –, nos últimos anos, o mundo ocidental experimenta a “onda azul”, isto é, o governo de uma nova vertente da ala direita, que vem sendo forjada a partir de disputas religiosas, econômicas e culturais, e que se vale não apenas das crises, mas também dos escândalos de corrupção que envolvem os governos de esquerda. Nesse cenário, observa-se que os discursos engendrados pela direita produziram nos países desenvolvidos a ideia de que a ideologia direita seria a solução para os problemas das sociedades contemporâneas, os quais seriam ocasionados pela ala esquerdista.

Assim, manifesta-se a onda conservadora que se consolidou na última década, a partir do desgaste da imagem de governos de esquerda, notadamente após vários escândalos de corrupção. Nestes termos, estabelece-se a política de extrema-direita que, inicialmente, se

---

<sup>6</sup> Fonte: BBC Brasil: Por que Bolsonaro está sendo acusado de colocar indígenas em risco em meio à pandemia de covid-19. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-53375095>.

consolidou na Europa, apresentando tendências anticomunistas, autoritárias e pautadas no nacionalismo extremo. A extrema-direita inclui a ideologia do neofascismo, do neonazismo, da Terceira Posição e hegemonia, a partir de tendências ultranacionalistas, populista, xenófoba, teocrática, racista, homofóbica e reacionária.

A ultradireita se robusteceu no Brasil à medida que Donald Trump foi eleito nos EUA. Embora eleito pelo Partido Republicano, o ex-presidente americano mantém um viés populista e está alinhado ao setor mais conservador e nacionalista do partido. Bolsonaro, por sua vez, segue as mesmas estratégias de Trump: discurso nacionalista que se baseia no *slogan* “America first”, de modo que o *slogan* “Brasil acima de tudo e Deus acima de todos” comunga perfeitamente com a retórica ultranacionalista americana. Além disso, outro ponto de similaridade é o fomento à polarização social, por meio de ataques aos seus adversários, à imprensa, à ciência e à democracia.

A Europa caminha a largos passos sob a cartilha da extrema-direita. Na França, podemos observar a ascensão do Partido Frente Nacional da França, partido de ultradireita liderado por Marine Le Pen. Nele articulam-se vários partidos de direita com intento de ganhar mais força e projeção nacional. Na Holanda, o líder da extrema-direita holandesa, Geert Wilders, intensifica seus discursos anti-imigração e estimula a intolerância religiosa. Conhecido como “Trump holandês”, seus discursos inflamados se opõem às medidas de combate ao coronavírus.<sup>7</sup>

A Áustria, desde 2017, é governada pelo chanceler federal Sebastian Kurz, da ala conservadora ÖVP (Partido Popular Austríaco), que tem como aliado o partido populista de direita FPÖ (Partido da Liberdade da Áustria). Em 1999, as duas siglas já haviam articulado uma coalizção, na qual o FPÖ ganhou força e se tornou o segundo maior partido na eleição do Conselho Nacional. Esse movimento pode ser considerado como precursor da atual onda de governos da ala ultradireita no ocidente. O país também sustenta um rígido posicionamento anti-imigração e implementou duras políticas em relação aos refugiados. O partido FPÖ abriga vários grupos de orientação racista, antisemita e até nazista, os quais mantêm uma corrente teuto-nacionalista e defendem a ideia de que a Áustria seja inclusa na comunidade linguística, cultural e étnica alemã.<sup>8</sup>

A Dinamarca cultiva a extrema-direita como parte de uma “subcultura”, de forma sutil. Contudo, a retórica da ultradireita tem se tornado mais evidente nos últimos anos, com a ascensão do Partido Popular Dinamarquês (DF), um partido populista de direita. Essa legenda se tornou proeminente no país e, em 2015, passou a compor o governo, a partir de aliança com os liberais-conservadores. A Dinamarca também endossa a lista de países que aderem à tendência anti-imigração. Visando isso, a coalizção entre as alas centro-direita tem promovido cada vez mais burocracias e regras de migração e de refúgio.<sup>9</sup>

Na Hungria, Viktor Orbán – populista de tendências autoritárias – é o primeiro-ministro desde 2010, pela legenda conservadora do partido Fidesz. Ele já conta com aprovação majoritária nas eleições, embora seu governo seja acusado de corrupção e de violações contra

<sup>7</sup> Fonte: *Holandês Geert Wilders disposto a intensificar discurso contra a imigração e o Islã*. Disponível em: <https://www.istoedinheiro.com.br/holandes-geert-wilders-disposto-a-intensificar-discurso-contra-a-imigracao-e-o-islã/>.

<sup>8</sup> Fonte: *Jornal do Comércio: Sebastian Kurz tenta formar governo com extrema-direita na Áustria*. Disponível em: <https://www.jornaldocomercio.com/ conteudo/2017/10/internacional/592504-sebastian-kurz-tenta-formar-governo-com-extrema-direita-na-austria.html>.

<sup>9</sup> Fonte: *Partido de extrema-direita da Dinamarca quer projeto de lei para expulsar milhares de imigrantes*. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2021/10/07/partido-de-extrema-direita-da-dinamarca-quer-projeto-de-lei-para-expulsar-milhares-de-imigrantes.ghtml>.

a democracia, contra a imigração, contra a liberdade civil e contra os direitos das minorias.<sup>10</sup> Na Itália, o partido de extrema-direita Liga tem recebido a cada nova eleição a simpatia dos italianos e, portanto, articulou uma coalizão com o partido antisemita Movimento Cinco Estrelas (M5S), com vistas a governar o país. Matteo Salvini, um dos vices do primeiro-ministro, é notoriamente conhecido seus discursos xenófobos e por seus contínuos ataques à União Europeia e aos imigrantes.

No Brasil, a extrema-direita ascende gradativamente com o governo de Jair Bolsonaro. Não fugindo à regra, seus discursos são fundamentados também no preconceito às minorias, nas concepções anti-imigração e xenófobas, na negligência e no negacionismo em relação à Covid-19, além de fomentarem a quebra dos protocolos de segurança e de medidas de enfrentamento ao vírus. Nesse panorama, observa-se que há por parte do mandatário incursões claras contra a democracia, evidenciando ainda mais a sua política de incentivo à ruptura com o Estado democrático. Assim, cumpre investigar as relações de poder implícitas nesse novo panorama político mundial, bem como suas ressonâncias no Brasil.

### ULTRANACIONALISMO E A EXTREMA-DIREITA

O ultranacionalismo, como ideologia político-filosófica de extrema-direita, se utiliza da estratégia populista para evocar o sentimento de amor à nação ufanizada, a partir da ótica do conservadorismo. A concepção ultranacionalista, grosso modo, baseia-se na ideia de uma homogeneidade étnica, como elemento basilar de permanência da ordem política e social. Pode-se afirmar que o ano de 2016 contribuiu de forma determinante para o fortalecimento e para a consolidação dos movimentos nacionalistas e ultranacionalistas na Europa, na América do Norte e, posteriormente, no Brasil.

Contudo, não se pode conceber que o nacionalismo está sujeito a apenas uma ideologia. Na verdade, para que ele possa se consolidar, é necessário que várias ideologias lhe sirvam de base, assim ele pode fornecer soluções políticas em diferentes contextos (VINCENT, 2013, p. 551). Dessa forma, podemos observar que o nacionalismo foi um elemento presente no espectro político tanto nos movimentos de esquerda quanto de direita. Todavia, quando acionado pelo conservadorismo, o nacionalismo estabelece uma propensão a hierarquias e uma propensão a naturalização da formação de elites. Conforme Paula; Machado; Cannone (2021), a partir da própria essência do conservadorismo, há uma valorização da ordem e da autoridade:

[...] há nesta vertente do nacionalismo um descrédito na capacidade de autogoverno dos indivíduos, o que tende a produzir desconfiança no próprio modelo democrático. Também seria próprio ao conceito de Nação desta modalidade ideológica sua identificação com um passado idealizado ao qual se deveria preservar (PAULA; MACHADO; CANNONE, 2021, p. 3).

No contexto atual, a crise migratória e econômica aliada à ascensão de líderes de viés da extrema-direita avivou a polarização política no ocidente. No Brasil, a escalada da extrema-direita e as concepções do ultranacionalismo foram articuladas, mais evidentemente, a partir das campanhas de Jair Bolsonaro. A sua vida militar e política foi sempre pautada em discursos populistas e demagogos, a partir de posicionamentos xenófobos, de apoio a políticas de anti-imigração, de preconceito contra as minorias, de slogans ufanistas, de apologia à ditadura, que

---

<sup>10</sup> Fonte: DW Brasil: *Frente ampla ameaça reeleição da extrema direita na Hungria*. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/frente-ampla-amea%C3%A7a-reele%C3%A7%C3%A3o-da-extrema-direita-na-hungria/a-57278064>.

buscam debotar da memória brasileira as marcas de crueldade que o regime militar cravou na história do Brasil.

O nacionalismo instituído pelo governo de Bolsonaro se manifesta tanto em sua retórica quanto em suas ações. O Chefe do Executivo verte seus discursos em prol da defesa da soberania nacional. Contudo, descarta qualquer diálogo com organizações e governos internacionais a despeito da Amazônia e, assim, relega a agenda com pautas ambientais, de medidas protetivas de combate à exploração predatória. Em seu discurso na Organização das Nações Unidas (ONU), em setembro de 2021, o presidente Bolsonaro distorceu a realidade do drama vivido na Amazônia: “Somente no bioma amazônico, 84% da floresta está intacta, abrigando a maior biodiversidade do planeta”, afirmou o mandatário. Todavia, os ambientalistas alegam que a diferença entre os dados que o presidente apresentou e os dados oficiais é quase a extensão do território da Inglaterra.<sup>11</sup>

Em novembro de 2021, durante a abertura do evento *Invest in Brazil Forum*, nos Emirados Árabes, o presidente Bolsonaro afirmou que os ataques dirigidos ao Brasil sobre a questão do desmatamento eram injustos: “Até para que os senhores vejam que a nossa Amazônia, por ser uma floresta úmida, não pega fogo, que os senhores vejam, realmente, o que ela tem”. E endossou: “Os ataques que o Brasil sofre quando se fala em Amazônia não são justos. Lá mais de 90% daquela área está preservada. Está exatamente igual de quando foi descoberto no ano de 1500”.<sup>12</sup> O ex-ministro do Meio Ambiente, Ricardo Salles, alinhado às diretrizes da gestão pró-desmatamento do governo, deixou um legado catastrófico, já que atuou diretamente no fortalecimento da posição governista no Conselho Nacional do Meio Ambiente (CONAMA), atacou ONGs, paralisou o Fundo Amazônia e canalizou esses recursos que provinham de doações internacionais para outros fins.<sup>13</sup>

As arbitrariedades não param por aí, a retórica bolsonarista se articula sempre em torno de um rompimento institucional e, por isso, promove franco-ataque à democracia. Há por parte do presidente desta nação uma tendência veemente de reverenciar a ditadura militar, de advogar em favor do retorno do regime militar e de articular ataques explícitos a membros do Supremo Tribunal Federal (STF). Seus discursos também contemplam a violabilidade aos direitos humanos, como demonstra bem o seu lema “bandido bom é bandido morto”.<sup>14</sup> O mandatário defende, muito antes de sua ascensão política, a redução da maioria para 16 anos e um controle rígido da natalidade, visando comunidades de baixa renda. Ele também é um grande opositor das políticas de resgate e memórias dos desaparecidos durante a ditadura militar e, para demonstrar sua oposição, chegou a confeccionar cartazes com as frases “quem procura osso é cachorro”.<sup>15</sup>

Em 1993, ainda como deputado federal do RJ, Bolsonaro se envolveu em mais uma polêmica ao defender o retorno do regime de exceção e o fechamento temporário do Congresso Nacional. Ele justificava sua posição argumentando que a existência de muitas leis dificultava o

---

<sup>11</sup> Fonte: G1: *Bolsonaro tem recordes de destruição do meio ambiente, mas usa dados para enaltecer seu governo; entenda*. Disponível em: <https://g1.globo.com/meio-ambiente/noticia/2021/09/21/bolsonaro-tem-recordes-de-destruicao-do-meio-ambiente-mas-usa-dados-para-enaltecer-seu-governo-entenda.ghtml>.

<sup>12</sup> Fonte do vídeo: CNN Brasil: *Em Dubai, Bolsonaro diz: “Amazônia, por ser uma floresta úmida, não pega fogo”*. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/em-dubai-bolsonaro-diz-amazonia-por-ser-uma-floresta-umida-nao-pegar-fogo/>.

<sup>13</sup> Fonte: Folha S. Paulo: *Gestão Salles teve desmate e queimada recorde, fim do Fundo Amazônia e ataques a ONGs*. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ambiente/2021/06/gestao-salles-teve-desmate-e-queimada-recorde-fim-do-fundo-amazonia-e-ataques-a-ongs.shtml#>.

<sup>14</sup> Fonte: Veja: *O que assombra os Bolsonaro e o que pode derrotá-los*. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/coluna/noblat/o-que-assombra-os-bolsonaro-e-o-que-pode-derrotar-los/>.

<sup>15</sup> Fonte do vídeo: *Locomotiva da História: Bolsonaro e sua fala asquerosa: “Quem procura osso é cachorro”*. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=zMBT2\\_ReyIM](https://www.youtube.com/watch?v=zMBT2_ReyIM).

exercício do poder, e que “num regime de exceção, o chefe, que não precisa ser um militar, pega uma caneta e risca a lei que está atrapalhando”. No mesmo ano, em discurso na Câmara dos Deputados, declarou: “Sou a favor de uma ditadura, de um regime de exceção, desde que esse Congresso dê mais um passo rumo ao abismo, que está muito próximo. Na atual democracia, temos como resolver os problemas nacionais?”.<sup>16</sup>

Tudo o que se faz aqui dentro (do Congresso) é inócuo. O único caminho que sobra é a intervenção das Forças Armadas. Como você vai acabar com os privilégios salariais no Judiciário, por exemplo, sem um regime de exceção? Não defendem Fidel Castro por aí? Eu defendo o Fujimori.<sup>17</sup>

Ainda na mesma linha de posicionamento ideológico, em março de 2019, o general Otávio Rêgo Barros, porta-voz da Presidência da República, anunciou que o presidente Bolsonaro havia determinado ao Ministério da Defesa que fossem feitas as devidas comemorações referentes ao golpe de 1964. Em coletiva no Palácio do Planalto, Otávio Barros enfatizou:

“O presidente não considera 31 de março de 1964 um golpe militar. Ele considera que a sociedade, reunida e percebendo o perigo que o país estava vivenciando naquele momento, juntou-se, civis e militares, e nós conseguimos recuperar e recolocar o nosso país em um rumo que, salvo o melhor juízo, se isso não tivesse ocorrido, hoje nós estaríamos tendo algum tipo de governo aqui que não seria bom para ninguém”.<sup>18</sup>

Durante uma cerimônia de troca do Comando Militar do Sudeste em São Paulo, em abril de 2021, o presidente voltou a discursar em favor da ditadura, ao afirmar que o papel das Forças Armadas é garantir a “liberdade” da população e a “tranquilidade” para que ele governe. E ao ser pressionado a falar sobre a crise sanitária e econômica que o país atravessava e sua consequente perda de popularidade, o presidente disse que os tempos da ditadura militar “selaram o bom destino para a nossa nação”.<sup>19</sup>

As práticas de apologia à Ditadura Militar e às suas práticas de tortura, as investidas ao Estado Democrático de Direito e seus desdobramentos são recorrentes na gestão atual. O movimento bolsonarista – entendido aqui como um movimento social e ideológico que reproduz os discursos e a atuação de Jair Bolsonaro – alça voz em prol de políticas excludentes, em favor da violência institucionalizada, de ataques às autoridades constituídas e contra as minorias. Em novembro de 2021, o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) recebeu um pedido de exoneração em massa por parte de trinta e sete servidores públicos, sob a alegação de práticas de intervenção, censura e assédio moral. Nessa linha de atuação, o INEP foi palco de outra polêmica envolvendo a intervenção direta do governo no

---

<sup>16</sup> Fonte: O Globo: *Em primeiro mandato como deputado, Bolsonaro defende 'regime de exceção' e 'congelamento do Congresso'*. Disponível em: <https://blogs.oglobo.globo.com/blog-do-acervo/post/em-primeiro-mandato-como-deputado-bolsonaro-defende-regime-de-excecao-e-congelamento-do-congresso.html>.

<sup>17</sup> Fonte: Folha de SP: *Nos anos 90, Bolsonaro defendeu novo golpe militar e guerra*. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/06/nos-anos-90-bolsonaro-defendeu-novo-golpe-militar-e-guerra.shtml>

<sup>18</sup> Fonte: O Globo: *Oito vezes em que Bolsonaro defendeu o golpe de 64*. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/epoca/brasil/oito-vezes-em-que-bolsonaro-defendeu-golpe-de-64-24949762>.

<sup>19</sup> Fonte: *Bolsonaro exalta ditadura militar e volta a dizer que Forças Armadas garantirão “liberdade”*. Disponível em: <https://valor.globo.com/politica/noticia/2021/04/15/bolsonaro-exalta-ditadura-militar-e-volta-a-dizer-que-forcas-armadas-garantirao-liberdade.ghtml>.

Exame Nacional do Ensino Médio (Enem). Servidores relataram que o presidente solicitou até a substituição de “Golpe de 64” por “revolução”.<sup>20</sup>

As investidas de Bolsonaro com vistas a tumultuar os processos democráticos em favor daquilo que acha pertinente é uma prática contumaz. No Congresso, o mandatário articulou sucessivos movimentos em prol do voto impresso. Em julho de 2018, a PEC do voto impresso foi proposta, mas o STF a derrubou com votação final de 8 a 2. Em 29 de julho de 2021, durante uma de suas *lives* semanais, o presidente declarou mais uma vez ser a favor de voto impresso nas eleições. A referida *live* durou aproximadamente o triplo de tempo normal e teve como ênfase o voto impresso. Durante a transmissão, em companhia do Ministro da Justiça e Segurança Pública, Anderson Torres, Bolsonaro apresentou vídeos de eleitores que foram às urnas em eleições anteriores, os quais endossavam a possibilidade da existência de supostas fraudes no uso da urna eletrônica. Conforme dito pelo Chefe do Executivo:

“Voto impresso auditável e contagem pública dos votos é um instrumento de cidadania e paz social, garantia de paz e prosperidade, de harmonia entre os Poderes. Nenhum Poder é absoluto, todos nós temos limites. O que o povo quer, e nós devemos atendê-lo, é exatamente um sistema de votação onde se possa ter a garantia de quem se votou, o voto vai para aquela pessoa. Assim, nós conseguiremos, com toda certeza, uma paz no Brasil, conseguiremos antecipar possíveis problemas e nós partiremos para a normalidade”.<sup>21</sup>

O chefe do executivo também desafiou os que cobram provas de que há fraude na urna eletrônica a provarem que o sistema não pode ser fraudado. Nessa mesma transmissão semanal pela internet, ele disparou: “Será que se fazer eleições é seguro, é blindado? Os que me acusam de não apresentar provas, eu devolvo a acusação. Me apresente provas [de que a urna eletrônica] não é fraudável”. O presidente reiterou: “Eu quero eleições no ano que vem, vamos realizar eleições ano que vem, mas eleições limpas, democráticas, sinceras”.<sup>22</sup> Em 2022, os ataques se tornaram mais maciços. Nesse ano, o presidente Bolsonaro chegou a colocar a realização das eleições em cheque e voltou a atacar o ministro Luís Roberto Barroso.<sup>23</sup>

Em resposta às provocativas de Bolsonaro, o ministro Barroso, presidente do Tribunal Superior Eleitoral (TSE), argumentou em favor da segurança e da probidade das urnas eletrônicas. Em um evento do TRE, no Acre, o ministro reafirmou que nunca houve qualquer registro que indicasse algum tipo de fraude nas urnas eletrônicas, desde a sua implantação, em 1996. Barroso afirmou ainda que a decisão sobre a adoção do voto impresso no país é do Congresso Nacional, mas enfatizou que a medida não é segura. Segundo Barroso: “Ele [voto impresso] precisa ser transportado. Estamos falando de 150 milhões de votos em um país em

<sup>20</sup> Fonte: Correio Braziliense: *Bolsonaro pediu substituição de Golpe de 1964 por revolução no Enem*. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/euestudante/enem/2021/11/4964506-bolsonaro- pediu-substituicao-de-golpe-de-1964-por-revolucao-no-enem.html>.

<sup>21</sup> Fonte do vídeo: YouTube: *Live da Semana - Presidente Jair Bolsonaro – 29/07/2021*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=C4sE3OAVpHY&t=2s>.

<sup>22</sup> Fonte: IstoÉ: *Bolsonaro: Quero eleições no ano que vem, vamos realizar eleições no ano que vem*. Disponível em: <https://www.istoedinheiro.com.br/bolsonaro- quero-eleicoes-no-ano-que-vem-vamos-realizar-eleicoes-no-ano-que-vem/>.

<sup>23</sup> Fonte: UOL Notícias: *Bolsonaro volta a atacar urnas e Barroso e a colocar eleições sob suspeita*. Disponível em <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2022/04/27/bolsonaro-volta-a-atacar-urnas-e-barr-os-o-e-a-colocar-eleicoes-sob-suspeita.htm>.

que muitas regiões têm problemas de roubo de carga, milícias e facções criminosas. Vamos criar um mecanismo de auditoria que vai trazer insegurança, riscos para o sistema”.<sup>24</sup>

Por meio da conta oficial no Twitter, o TSE se pronunciou e respondeu à *live* do presidente. Entre as postagens dizia-se que “investigadores da edição de 2019 do Teste Público de Segurança (TPS), entre os quais, peritos da polícia federal, admitem que novas barreiras de segurança da urna eletrônica são eficazes”. Contudo, as investidas contra as urnas eletrônicas continuaram por parte do presidente. Com isso, em agosto de 2021, a deputada Bia Kicis (PSL-DF) – apoiadora de Bolsonaro –, articulou a proposta conhecida como a PEC do Voto Impresso, mas esta proposta não atingiu o mínimo de votos favoráveis e, portanto, foi arquivada.<sup>25</sup> Em maio de 2022, o presidente, mais uma vez, se articulou contra a eleição, afirmando que as Forças Armadas não terão um papel de espectador durante as eleições. Além disso, ele asseverou que seu partido iria contratar uma empresa para acompanhar e auditar as eleições.<sup>26</sup>

O Chefe do Executivo também atua como se as Forças Armadas fossem patrimônio do Poder Executivo, como se o presidente pudesse dispor a bel prazer de seu arsenal. Em 2021, durante a celebração da Independência, uma operação militar contou com o desfile de blindados em frente ao Palácio do Planalto e teve a presença do presidente Jair Bolsonaro. Esse evento custou aos cofres públicos o montante de R\$ 3,7 milhões. O valor foi obtido através da Lei de Acesso à Informação (LAI) e concerne aos gastos da Marinha com a edição da Operação Formosa, um treinamento militar realizado anualmente em Goiás. Um desfile em frente à sede do Executivo é inédito, mas não casual. A passagem dos tanques blindados pela Esplanada aconteceu em 10 de agosto, dia em que a Câmara rejeitou a Proposta de Emenda à Constituição (PEC) do voto impresso.

A exibição dos blindados foi interpretada como uma tentativa de intimidação para que o Poder Legislativo aprovasse a proposta. O desfile dos blindados contou com aproximadamente 150 veículos militares, e a justificativa de incluir o Planalto no seu trajeto foi a entrega de um convite a Bolsonaro e a outras autoridades para a participação do dia de Demonstração Operativa, que seria realizada em 16 de agosto. Os gastos chegaram a um montante de R\$ 3,7 milhões: R\$ 1,78 milhão foi para gastos de custeio de bases, R\$ 1,03 milhão para locação de ônibus para transporte, R\$ 721 mil para combustíveis, lubrificantes e graxas, R\$ 98,7 mil para materiais de saúde, R\$ 16,6 mil para suprimentos de fundos e R\$ 15 mil para passagens e diárias.<sup>27</sup>

O uso de equipamentos das Forças Armadas de acordo com os interesses do presidente é uma constante. A utilização dos bens públicos pelo presidente como forma de intimidação deixa claro sua tendência ao político-militarismo, e o benefício também é estendido aos seus ministros, seus familiares e até amigos. Um dos casos envolve José Vicente Santini, nomeado secretário-executivo da Secretaria-Geral da Presidência da República e considerado o cargo número dois da Casa Civil. Em 2020, ele foi exonerado após utilizar um avião da Força

<sup>24</sup> Fonte: Agência Brasil: *Presidente defende voto impresso nas eleições durante live*. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/politica/noticia/2021-07/presidente-defende-voto-impresso-nas-eleicoes-durante-live>.

<sup>25</sup> Fonte: Agência Câmara de Notícias: *Câmara rejeita proposta que tornava obrigatório o voto impresso*. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/noticias/792343-camara-rejeita-proposta-que-tornava-obrigatorio-o-voto-impresso/>.

<sup>26</sup> Fonte: CNN: *Bolsonaro diz que seu partido vai contratar empresa para fazer auditoria nas eleições*. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/bolsonaro-diz-que-seu-partido-vai-contratar-empresa-para-fazer-auditoria-nas-eleicoes/>.

<sup>27</sup> Fonte: UOL Notícias: *Operação com desfile de tanques custou R\$ 3,7 mi aos cofres públicos*. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/agencia-estado/2021/09/05/operacao-com-desfile-de-blindados-cus-tou-r-37-mi.htm>.

Aérea Brasileira (FAB) para ir à Índia encontrar a comitiva do presidente Jair Bolsonaro, após ter participado do evento Fórum Econômico Mundial de Davos, na Suíça.

Em outubro, um avião da FAB foi solicitado para fazer o trajeto Brasília x São Paulo pela ministra Damares Alves, que estava acompanhada de familiares do presidente, incluindo Michelle Bolsonaro. A comitiva rumava à festa do amigo Agustin Fernandez, que aconteceu em um restaurante badalado de São Paulo, mas o pretexto para a utilização do avião era a ida a um evento do Pátria Voluntária, programa social coordenado por Michelle Bolsonaro.

Em um levantamento, o jornal Congresso em Foco apresentou uma pesquisa indicando que, de abril a dezembro de 2020, foram realizadas 64 viagens oficiais utilizando as aeronaves da FAB, com a lotação de, no máximo, três passageiros. O ministro do Meio Ambiente, Ricardo Salles, se permitiu usufruir bastante dessa prerrogativa que Bolsonaro dispõe. O levantamento mostra que pelo menos três deslocamentos foram para destinos internacionais, o que não está previsto no decreto que regulamenta o tema. Salles foi responsável por 25 viagens. De acordo com a planilha, ele viajou uma vez sozinho, dez vezes com apenas um acompanhante e catorze vezes com outros dois passageiros.<sup>28</sup>

Com relação às aeronaves da FAB, há um decreto do governo federal que estipula que “a comitiva que acompanha a autoridade na aeronave do Comando da Aeronáutica terá estrita ligação com a agenda a ser cumprida, exceto nos casos de emergência médica ou de segurança”. Ou seja, é possível verificar que a utilização das aeronaves tem seguido um protocolo estritamente pessoal e aberto por parte do presidente, como se elas pertencessem ao seu acervo pessoal. Em março de 2020, o presidente publicou um decreto que alterou as regras de transporte aéreo de autoridades em aeronaves do Comando da Aeronáutica, mas o decreto não incide sobre si, apenas tornou mais rígidas as justificativas e as comprovações que atestam a necessidade do uso das aeronaves.

Em janeiro de 2021, mais um escândalo veio à tona. O governo gastou o equivalente a R\$ 15,6 milhões para compra de toneladas de leite condensado, quando o país vivenciava o ápice das mortes por Covid-19. Enquanto havia por parte do governo grande resistência na compra de vacinas, cilindros de oxigênio e outros itens de primeira necessidade para assistir os estados brasileiros durante a pandemia, o presidente agilizou milhões de reais para a compra de vinhos finos, alfafa, uvas passas e pizzas. A lista de compras do governo federal apontou que, em 2020, a administração federal gastou cerca de R\$ 1,8 bilhão para adquirir comida, ou seja, 15% a mais do que no ano anterior, descontado o efeito da inflação.

A maior parte dessas despesas ficou na conta das Forças Armadas, que tiveram um gasto de R\$ 632 milhões em gêneros alimentícios. O Ministério da Educação e da Justiça aparecem como os mais privilegiados, depois das Forças Armadas. Nesse contexto, as Forças Armadas compraram aproximadamente 2,5 milhões de latas de leite condensado, e, dessa forma, “o Exército brasileiro se credencia hoje como um dos maiores consumidores do produto no planeta”, indicou o artigo jornalístico publicado pela revista Isto É. Ainda segundo informações oficiais, foram gastos “R\$ 2,2 milhões em chicletes, R\$ 5 milhões em uvas passas, R\$ 2,5 milhões em vinhos e R\$ 37 milhões em pizzas e refrigerantes, entre outros”. O volume de aquisições de produtos supérfluos e de *junk food* causou indignação e protestos na sociedade brasileira. Diante disso, o Partido Democrático Trabalhista (PDT) moveu uma ação no STF para investigar esses gastos exorbitantes.<sup>29</sup>

<sup>28</sup> Fonte: Congresso em Foco: *PT entra na justiça para que Santini pague por uso de jatinho da FAB*. Disponível em: <https://congressoemfoco.uol.com.br/area/justica/pt-entra-na-justica-para-que-santini-pague-por-uso-de-jatinho-da-fab/>.

<sup>29</sup> Fonte: Isto É: *Os R\$ 15 milhões de leite condensado derramado e outros chicletes federais*. Disponível em: <https://istoe.com.br/os-r-15-milhoes-de-leite-condensado-derramado-e-outros-chicletes-federais/>.

Essas informações constavam no Portal da Transparência. No Painel de Compras consolidado pelo Ministério da Economia, os dados estavam especificados, mas, após as denúncias, o governo retirou o portal do ar. Ao ser questionado sobre o fato, em um evento privado com artistas de direita, em uma churrascaria em Brasília, Bolsonaro disparou que o produto era para “enfiar no rabo da imprensa”. Ainda segundo o mandatário: “Quando eu vejo a imprensa me atacar, dizendo que comprei 2,5 milhões de latas de leite condensado, vai pra puta que o pariu. É para enfiar no rabo de vocês da imprensa essas latas de leite condensado”. O Ministério da Defesa chegou a justificar a compra do leite condensado devido ao seu “potencial energético”, ao afirmar que: “O leite condensado é um dos itens que compõem a alimentação de 370 mil homens e mulheres das Forças Armadas”, o que não foi comprovado.

Em resposta à polêmica das aquisições que somaram mais de R\$ 1.8 bilhão, a qual foi exposta pelo portal Metrôpoles, em 26 de janeiro, Bolsonaro resolveu atacar a imprensa: “Vai pra puta que pariu, porra. Essa imprensa de merda, é pra enfiar no rabo de vocês, de vocês da imprensa, essas latas de leite condensado aí”.<sup>30</sup> Com descompostura, o Chefe do Executivo contestou efusivamente as denúncias divulgadas pela imprensa – pautadas em documentos oficiais – com ofensas e jargões chulos, demonstrando que ele não aceita ser confrontado por suas práticas de abuso de poder e de lesão aos cofres públicos, com aquisições supérfluas, quando o país vivia o auge dos índices de morte por Covid-19, devido, justamente, à falta de equipamentos de primeira necessidade.

Em agosto de 2021, o ex-ministro da Defesa e Segurança Pública, Raul Jungmann, declarou que os comandantes do Exército, da Marinha e da Aeronáutica, os quais entregaram seus cargos em março do mesmo ano, afirmaram que havia por parte do presidente uma pressão em torno de um “alinhamento político” com o governo. O mandatário pretendia substituir apenas o comandante do Exército, Edson Leal Pujol, mas os comandantes da Marinha, Ilques Barbosa, e o da Aeronáutica, Antônio Carlos Moretti, também optaram por entregar seus cargos.<sup>31</sup> O ex-ministro também ressaltou que prevalece no alto oficialato a ideia de que o STF atua no sentido de atrapalhar o governo do presidente Jair Bolsonaro.<sup>32</sup>

Outro episódio digno de nota é o fato de o Chefe do Executivo ostentar seu afã pela ideologia nazista. Em julho de 2021, ele se encontrou com Beatrix von Storch, deputada pelo partido Alternativa para a Alemanha (AfD) e investigada pelo serviço de Inteligência alemão por propagar ideias neonazistas, xenofóbicas e extremistas. Em suas redes sociais, Storch exibiu sua foto com Bolsonaro entre sorrisos e abraços amistosos, com a seguinte legenda: “em um momento em que a esquerda está promovendo sua ideologia por meio de suas redes e organizações internacionais em nível global, nós, conservadores, devemos nos unir”.<sup>33</sup>

Segundo informações do Museu do Holocausto, Beatrix Storch é neta do ministro das Finanças de Adolf Hitler, Lutz Graf Schwer. O partido AfD é um partido político alemão de extrema-direita, com tendências racistas, islamofóbicas, antisemitas, xenofobas e a favor de

<sup>30</sup> Fonte do vídeo: Congresso em Foco: Bolsonaro justifica compra de leite condensado: “vai pra puta que pariu, porra!”. Disponível em: <https://congressoemfoco.uol.com.br/area/governo/bolsonaro-justifica-compra-de-leite-condensado-vai-pra-puta-que-pariu-porra/>.

<sup>31</sup> Fonte: Congresso em foco: Comandos militares entregam os cargos. Bolsonaro dobra a aposta no caos. Disponível em: <https://congressoemfoco.uol.com.br/area/governo/comandos-militares-entregam-os-cargos-bolsonaro-dobra-a-aposta-no-caos/>.

<sup>32</sup> Fonte Congresso em foco: Bolsonaro mandou FAB sobrevoar STF para quebrar vidraças, diz Jungmann. Disponível em: <https://congressoemfoco.uol.com.br/projeto-bula/reportagem/bolsonaro-mandou-fab-sobrevoar-stf-para-quebrar-vidracas-diz-jungmann/>.

<sup>33</sup> Fonte: Correio Braziliense: Bolsonaro sobre foto com deputada alemã: “Não se pode ligar um pai a um filho”. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/politica/2021/07/4940544-bolsonaro-sobre-foto-com-deputada-alema-nao-se-pode-ligar-um-pai-a-um-filho.html>.

um discurso anti-imigração. Após críticas sobre o encontro, o deputado e filho do presidente, Eduardo Bolsonaro, se pronunciou em suas redes sociais: “unidos por ideais de defesa da família, proteção das fronteiras e cultura nacional”,<sup>34</sup> utilizando-se de uma retórica claramente em defesa dos princípios difundidos pelo nazismo. Outros episódios envolvendo líderes do governo que promoveram discursos pró-nazismo e vários levantes de movimentos neonazistas podem ser facilmente encontrados nos jornais, tendo em vista que isso está evidenciado em toda a rede bolsonarista.

## BIOPODER E A BIOPOLÍTICA

Foucault (1999) se debruça em uma analítica do poder que investiga as relações que se instauram em torno dele e que reforçam ideologias. Isso porque o poder é inerente às relações humanas e se manifesta em diversos níveis, inclusive em micro instâncias.

O que está em jogo nas investigações que virão a seguir é dirigirmos menos para uma ‘teoria’ do poder que para uma ‘analítica’ do poder: para uma definição do domínio específico formado pelas relações de poder e determinação dos instrumentos que permitam analisá-lo (FOUCAULT, 1999, p. 80).

Essa estrutura de poder se manifesta não apenas nas ações das instituições disciplinares, mas também por meio de uma rede de correlações em sua simultaneidade de poderes, nas quais os poderes do Estado estão diretamente imbricados a outros poderes instituídos na sociedade, que o validam e que se retroalimentam. A definição de dispositivo versa sobre um conjunto heterogêneo de discursos, instituições, organizações espaciais de leis e medidas burocráticas e enunciados científicos – os quais são instâncias do poder e do saber, por conseguinte, “dispositivo é a rede que se pode tecer entre estes elementos”. (FOUCAULT, 2021, p. 244). Nesse segmento, o autor aponta:

Ora, o estudo desta microfísica supõe que o poder nela exercido não seja concebido como uma propriedade, mas como uma estratégia, que seus efeitos de dominação não sejam atribuídos a uma ‘apropriação’, mas a disposições, a manobras, a táticas, a técnicas, a funcionamentos (FOUCAULT, 1999, p. 26).

Dessa maneira, as relações de poder podem ser descritas como imanentes às relações sociais, de modo que elas não podem ser caracterizadas como mero reflexo mecânico das necessidades econômicas, ou mesmo como foco de interesses de uma classe. As relações de poder suscitam vários embates, disputas e afrontamentos, bem como distribuições que configuram e produzem certas práticas sociais. Elas não apenas engendram verdades, conhecimentos, funcionamentos, identidades, mas também a própria realidade. A problemática do poder, em Foucault, enseja grandes reflexões que transcendem a sua temporalidade de produção. Isso porque as sociedades modernas são fundamentadas em diversos tipos de poderes que se consolidam, se reforçam e se retroalimentam a fim de estabelecer uma dominação sobre a vida.

Em meados do século XVIII, instaura-se um novo processo de governamentalidade que consiste, basicamente, em técnicas de dominação. Segundo Foucault (2006, p. 301): “Chamo ‘governamentalidade’ o encontro entre as técnicas de dominação exercidas sobre os outros e

---

<sup>34</sup> Fonte: Correio Brasiliense: *Bolsonaro se encontra com deputada de partido neonazista da Alemanha*. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/politica/2021/07/4939769-bolsonaro-se-encontra-com-deputada-de-partido-neonazista-da-alemanha.html>.

as técnicas de si”. Nesse processo, se estabelece a ambivalência em polos importantes de biopoder.

Por “governamentalidade”, entendo o conjunto constituído pelas instituições, procedimentos, análises e reflexões, cálculos e táticas que permitem exercer essa forma bem específica, bem complexa, de poder, que tem como o alvo principal a população [...], a economia política com instrumento técnico essencial [...]. (FOUCAULT, 2006, p. 303).

Segundo Duarte (2008), a genealogia foucaultiana revela a existência de micropoderes disciplinares que atuavam diretamente sobre o corpo individual, instituído inicialmente no século XXVII, mas que, ao longo do tempo, se transmutou em um conjunto ordenado de instituições sociais que regem o corpo, como a escola, o hospital, o exército e a fábrica.

Foucault chegaria aos conceitos de biopoder e biopolítica ao vislumbrar o aparecimento, ao longo do século 18 e, sobretudo, na virada para o século 19, de um poder disciplinador e normalizador que já não se exercia sobre os corpos individualizados nem se encontrava disseminado no tecido institucional da sociedade, mas se concentrava na figura do Estado e se exercia a título de política estatal que pretendia administrar a vida e o corpo da população (DUARTE, 2008, p. 3).

Pode-se afirmar que o biopoder é, em vias gerais, um regime de dominação da vida. Foucault aponta que o biopoder incide diretamente no governo das populações através da disciplina, isto é, no governo dos corpos. Analogamente, sob a mesma perspectiva da concepção eugenista, a concepção do biopoder atrela a vida da população à produção contínua da morte: “São mortos legitimamente aqueles que constituem uma espécie de perigo biológico para os outros” (FOUCAULT, 1999b, p. 130). Segundo Duarte (2008, p. 4), o Estado e o poder soberano foram pontos cruciais para o entendimento do *modus operandi* dos micropoderes disciplinares. Dessa forma, compõe-se a forma como foi constituída a “instância focal de gestão das políticas públicas relativas à vida da população”.

Nestes termos, o autor aponta que, após o esvaecimento do poder da Igreja Católica na modernidade, há uma institucionalização do poder, o poder pastoral. Mesmo com certas transmutações, busca-se manter a influência e a intervenção no Estado. Há também, por parte deste biopoder, uma consolidação da tecnologia de individualização, de modo que sua ressonância alcança outras instâncias de poder, tais como a escola, a família, as fábricas etc. Nas sociedades contemporâneas, essas influências são muito presentes, principalmente no movimento bolsonarista, o qual ostenta a religião enquanto estandarte dessa ideologia, ainda que, contraditoriamente, isso não se efetive em sua atuação como um todo.

Foucault assevera que durante o século XVII havia a formação de um poder que tomava a vida como ponto central. Nesse contexto, trata-se da biopolítica, uma forma de poder que incide diretamente sobre a vida através dos corpos dos indivíduos, através de técnicas disciplinares, com intuito de torná-los produtivos à medida que os torna politicamente débeis. Destarte, no exercício da biopolítica, “não há Estado que não se valha de formas amplas e variadas de racismo como justificativa para exercer seu direito de matar em nome da preservação, intensificação e purificação da vida” (DUARTE, 2008, p. 5). Assim, o racismo valida os tipos de conservadorismos sociais, ao mesmo passo que cinde o todo biológico humano, instituindo “o que deve viver e o que deve morrer” (FOUCAULT, 2005, p. 304).

Dessa maneira, a biopolítica se projeta para o controle da população – corpo-espécie – , e para o controle da própria vida do indivíduo, enquanto espécie. De acordo com os estudos

de Foucault, o biopoder age sobre a população, por meio dos dispositivos de segurança, os quais são instituídos para normalizar e para “evitar perigos” à saúde da população. Isso pauta-se na ideia de que esse biopoder se estabelece como meta para a promoção e para a manutenção da vida.

## (IN)CONCLUSÃO

O cenário efusivo da política brasileira atual não aponta para um desfecho certo, mas apresenta todos os dias novos protagonistas que orbitam e atuam alinhados à retórica violenta, autoritária e excludente de Jair Bolsonaro. A história do Brasil está afinada à história ocidental. Na atualidade, governos autoritários e líderes com viés fascista estão em franca ascensão. O movimento da extrema-direita vem ganhando dimensão e espaço nas sociedades ocidentais, haja vista haver grupos extremistas que acolhem, celebram e os reproduzem nas esferas sociais. Enquanto os discursos extremistas encontram abrigo e ressonância nos espaços sociais democráticos, as chances de líderes ditadores permanecerem no poder, mesmo à revelia, são imensuráveis.

No Brasil, Bolsonaro se consolida como um líder que flerta abertamente com a retórica de ditadores facinoras. Seus discursos fazem apologia à ditadura militar, à tortura e à violência instituída. Seus discursos e práticas políticas desafiam autoridades constituídas, a democracia e o Estado de direito, evidenciando sua intenção de permanecer no poder, ameaçando intervir até no processo mais democrático do país: as eleições. A sua forma discriminatória de se alijar contra minorias presentifica bem como a biopolítica subjaz à sua gestão.

Há uma clara influência do movimento nazista na postura e no discurso do mandatário e de sua equipe, o que fica evidente em atos simbólicos que evocam, presentificam e rememoram uma parte obscura da história. Mediante a esses incentivos, alimentados pelos discursos de ódio e de intolerância, novos movimentos hasteiam a bandeira com a suástica.

Em suma, faz-se relevante ressaltar que o país tem se voltado para uma narrativa antidireitos, o que reflete uma postura extremista em âmbito internacional. Cobre-se a nação com o manto da antidemocracia e impera, mais uma vez, a insígnia do autoritarismo e da violência, assim como na ditadura militar. A onda neonazista e neofascista que vem se evidenciando na gestão de Jair Bolsonaro deixa às claras sua postura e a sua ideologia militar contra as minorias, constituindo-se mais um pináculo do autoritarismo, reavivando regimes e práticas que mancharam a história do Brasil e do mundo com horror, sangue e injustiça.

## REFERÊNCIAS

- ARENDETT, Hannah. **As origens do totalitarismo**: Antissemitismo, imperialismo, totalitarismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2013. 504 p.
- COSTA, Leonard Christy de S.; SILVEIRA, Éderson L. **Efeito Bolsonaro: anatomia do autoritarismo**. In SILVEIRA, Éderson Luís (Org.). Os efeitos do autoritarismo: práticas, silenciamentos e resistências (im)possíveis. São Paulo: Pimenta Cultural, 2018.
- DUARTE, André. **Sobre a biopolítica**: de Foucault ao século XXI. Revista Cinética 1, v.1. p. 1-16, 2008. Disponível em [http://www.revistacinetica.com.br/cep/andre\\_duarte.pdf](http://www.revistacinetica.com.br/cep/andre_duarte.pdf). Acesso: 15 mai. 2022.
- GOLDIM, J. R. **Eugenia**. UFRGS, 1998. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/bioetica/eugenia.htm>. Acesso: 12 mar 2022.
- FOUCAULT, Michel. **Em defesa da Sociedade**: Curso no Collège de France (1975- 1976). Trad.: Maria Ermantina Galvão. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005. 382 p.
- FOUCAULT, Michel. **Governamentabilidade**. In: MOTTA, M.B. (Org.). Estratégia, Poder-Saber. Coleção Ditos e escritos IV. Trad. Vera L Avellar. 2ª edição. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006d, p. 281-304.
- FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I**: A vontade de saber. Trad. de Maria T. Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 13ª edição. Rio de Janeiro: Graal, 1999b.

FOUCAULT, Michel. **Poderes e Estratégias**. In: MOTTA, M.B. (Org.). Estratégia, Poder-Saber. Coleção Ditos e escritos IV. Trad. Vera L Avellar. 2ª edição. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006, p. 241-252.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**: nascimento da prisão. Trad. Raquel Ramallete. 20ª edição. Petrópolis: Vozes, 1999.

FREEDEN, M. (2006). **Ideologies and Political Theory**: A Conceptual Approach. Oxford: Clarendon Press.

LIMA, Fátima. **Bio-necropolítica**: diálogos entre Michel Foucault e Achille Mbembe. Arquivos Brasileiros de Psicologia, Rio de Janeiro, n. 70, p. 20-33, nov. 2018.

PAULA, Luciane de; LOPES, Ana C. Siani. **A eugenia de Bolsonaro**: leitura bakhtiniana de um projeto de holocausto à brasileira. In.: Dossiê Discurso em tempos de pandemia. Revista Linguagem, v. 35, nº 1, 2020, p. 35-76. Disponível em: <https://agenciabrasil.etc.com.br/politica/noticia/2021-07/presidente-defende-voto-impreso-nas-eleicoes-durante-live>. Acesso: 15 mar 2022.

PAULA, Luiz F.; MACHADO, Pedro L. N.; CANNONE, Helio. **O Capitão Cérbero**: nacionalismo, populismo e neoliberalismo no governo Bolsonaro. Revista Insight Inteligência, 2021. Disponível em: <https://inteligencia.insightnet.com.br/o-capitao-cerbero-nacionalismo-populismo-e-neoliberalismo-no-governo-bolsonaro/>. Acesso: 15 fev 2022.

PINHEIRO, Miguel D. **A Eugenia de Bolsonaro**. Portal AZ, 2019. Disponível em: <https://www.portalaz.com.br/blogs/6/opiniao/12845/a-eugenia-de-bolsonaro>. Acesso: 11 abr 2022.

PIOVEZANI, Carlos. **Discursos da extrema-direita no Brasil**: uma análise de pronunciamentos de Jair Bolsonaro. RALD, v. 21, n. 2, 2021. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/raled/article/view/37174/32064>. Acesso: 2 mai 2022.

SOUZA, Manuel Alves. **Educação eugênica sim, e daí? condutas do governo brasileiro na pandemia sob perspectiva necro-biopolítica**. Revista Missões, v. 7, nº 3, 2021. Disponível em: <https://periodicos.unipampa.edu.br/index.php/Missoes/article/view/108734>. Acesso: 15 abr 2022.

VICENT, Andrew. **Nationalism**. In: Freedden M. at al. The Oxford Handbook of Political Ideologies. Oxford: Oxford University Press, 2013. Disponível em: <https://www.oxfordhandbooks.com/view/10.1093/oxfordhb/9780199585977.001.0001/oxfordhb-9780199585977-e-023>. Acesso: 26 fev 2022.